



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no VII  
Encontro Cívico Nestlé**

**Palácio do Planalto, 07 de setembro de 2003**

Eu quero cumprimentar a minha companheira Marisa,  
Meu companheiro Cristovam, ministro da Educação, e sua esposa,  
Gladys, que está aqui,  
O nosso querido companheiro Agnelo Queiroz, ministro de Estado do  
Esporte,  
O excelentíssimo presidente da Nestlé, Ivan Fábio Zurita,  
O companheiro Luiz Dulci, ministro secretário-geral da Presidência da  
República,  
Os alunos,  
Os atletas – se vocês continuarem vindo muito a Brasília, não vão  
ganhar mais medalhas, porque não estão treinando mais, só passeando.

Eu acho que a Nestlé e o Ministério da Educação estão fazendo uma  
coisa que nós poderíamos, quem sabe, Cristovam, estimular outros exemplos  
no Brasil.

Não sei se você sabe, Cristovam: eu fui diretor de uma escola no  
Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, uma escola de supletivo. E tínhamos  
quase 1.900 alunos. Instituímos concursos sobre datas importantes para a  
nossa nação, sobre temas importantes, e era impressionante como as pessoas  
participavam.

As pessoas, quando são convocadas e motivadas, participam. Muitas  
vezes, nós é que achamos que o povo não tem interesse pelas coisas, que nós  
sequer as motivamos a colocar em prática.

Neste sétimo ano em que a Nestlé escolheu como tema a comemoração



da Semana da Pátria – para que as pessoas pudessem escrever o que seria importante para que a escola se transformasse numa escola ideal ou numa coisa motivadora para a criança participar ou mesmo um adulto, como para a nossa jovem, ali, de 60 anos, que foi para a escola –, seria preciso que pensássemos em algumas coisas que, certamente, pudessem fazer, quase como um milagre, com que as crianças brasileiras e as pessoas participassem com mais vontade nas escolas dos seus bairros e das suas cidades.

E acho que essa participação tem muito a ver com o tipo de escola que nós temos, com o próprio prédio que nós temos, e possivelmente, com o tipo de aula que o professor ou a professora dá, porque na escola deve ser, mais ou menos, como em qualquer outra atividade. Tem aulas que os alunos adoram; por exemplo, uns preferem matemática, outros preferem português, outros preferem geografia, poucos gostam de física e química. Mas, de qualquer forma, tem aulas que a meninada tem preferência. E possivelmente não seja pela aula, mas pela capacidade que o educador tem de fazer com que eles se sintam à vontade para aprender aquela matéria. E tem outras que as crianças vêm como se fosse um castigo. No dia que tem determinada matéria, as crianças falam: “hoje, não vou para a escola. Aquela professora é chata. Aquele professor é chato”. E, muitas vezes, não vão à escola mesmo.

Acredito que nós precisaríamos criar as condições de fazer com que as crianças brasileiras tenham, na presença à escola, um dos mais extraordinários prazeres que uma criança possa ter.

Eu digo isso porque estive no Senai, Cristovam. Eu tinha vontade de ir, porque eu estava aprendendo uma profissão que eu queria aprender; eu tinha vontade de ir, porque estava fazendo uma coisa que eu sentia que era útil para mim. É mais ou menos como esses nossos meninos e meninas quando treinam para ir às Olimpíadas. Eles podem acordar de manhã com preguiça, mas sabem que, se não treinarem para valer, nem irão. Não é que não vão ganhar medalha, é que não terão chance de passar nas eliminatórias. Então, vão com



prazer e com vontade. E a escola precisa ter um pouco disso.

Eu acho que precisamos começar a descobrir como transformar o espaço da escola em algo prazeroso, em que a criança, na sexta-feira à tarde, lamenta que vai ter sábado e domingo e que não vai poder estudar, e que no domingo à noite esteja ansiosa porque na segunda-feira terá aula. Eu acho que isso é possível se nós conseguirmos transformar a escola numa coisa mais alegre, mais plural, em que a criança aprenda muito mais do que algumas matérias.

Eu acho que a escola e os educadores brasileiros precisam fazer essa revolução interna. Acho que todos nós precisamos fazer essa revolução interna, para que a gente possa convencer essa meninada de que a escola é, efetivamente, o espaço mais prazeroso que ela pode freqüentar. E, mais ainda, de que será através da sua presença na escola que ela terá certeza que o seu futuro será um pouco mais, eu diria, será menos sofrido do que foi para os seus pais, para os seus avós.

Por isso, a Nestlé está de parabéns. Acho, Cristovam, que é o primeiro ano que você, como ministro da Educação, participa deste evento aqui, como eu, como Presidente da República. Eu acho que nós poderíamos – não sei se no dia 7 de Setembro – incentivar outros tipos de concursos sobre os problemas internos das escolas, não apenas para descobrir, mas para constatar, já no próximo ano, que as crianças estão indo à escola, não porque a mãe está ameaçando colocar de castigo ou porque o pai está ameaçando punir, mas estão indo à escola porque é, efetivamente, o grande lugar onde poderão traçar o seu destino e o seu futuro.

Muito obrigado à Nestlé. Cristovam, meus parabéns. Muito obrigado ao companheiro Agnelo. Meus parabéns a vocês, atletas do nosso país, e meus queridos companheiros do Brasil inteiro, que estão participando deste concurso.

Que Deus abençoe a todos vocês e traga muito mais sorte para o



**Presidência da República**  
**Secretaria de Imprensa e Divulgação**  
**Discurso do Presidente da República**

---

próximo ano!

/lrj/rss